



XIX COLÓQUIO INTERNACIONAL DE GESTÃO UNIVERSITÁRIA

Universidade e Desenvolvimento Sustentável: desempenho acadêmico e os desafios da sociedade contemporânea

Florianópolis | Santa Catarina | Brasil
25, 26 e 27 de novembro de 2019
ISBN: 978-85-68618-07-3



O EFEITO DA ANSIEDADE SOBRE O DESEMPENHO ACADÊMICO DE ALUNOS E O DESEMPENHO PROFISSIONAL DE DOCENTES E TÉCNICOS

Paula Gulart Munhoz

Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA)
paulagmunhoz96@gmail.com

Gustavo da Rosa Borges

Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA)
gustavoborges@unipampa.edu.br

Júlia da Cunha Stoelben

Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA)
juliasstoelben@hotmail.com

Jonas Fernando Petry

Universidade Federal do Amazonas (UFAM)
jonaspetry@ufam.edu.br

RESUMO

A ansiedade é uma característica da humanidade; entretanto, altos níveis dela provocam doenças que são prejudiciais às pessoas. Em relação às universidades, constata-se que a ansiedade também provoca malefícios. Assim sendo, o presente artigo tem por objetivo verificar se a ansiedade prejudica o rendimento profissional de docentes e técnicos e ainda, o rendimento acadêmico de alunos da UNIPAMPA de Dom Pedrito. Por meio de uma survey com 317 alunos, docentes e técnicos, verificou-se que a ansiedade contribui para um menor rendimento acadêmico de alunos e um menor rendimento profissional de docentes e técnicos. Os resultados sugerem que gestores universitários se preocupem com os níveis de ansiedade, já que ela pode contribuir para a evasão e a falta de qualidade nas funções de docentes e técnicos. Percebe-se ainda, que a altos níveis de ansiedade, além de causar efeitos desagradáveis na saúde das pessoas, afeta negativamente os seus afazeres, incluindo os estudos e o seu rendimento no trabalho.

Palavras-chave: Ansiedade; Desempenho Acadêmico; Desempenho Profissional; Estudantes.

1. INTRODUÇÃO

Ansiedade é um estado emocional que faz parte das pessoas, principalmente na contemporaneidade, já que a vida moderna contribui para o surgimento e uma maior manifestação da mesma. Esta tendência é global e preocupante (FERREIRA Jr. et al., 2018).

Ela pode ser entendida como uma característica hereditária comum que as pessoas têm (LENHARDTK; CALVETTI, 2017), sendo caracterizada como uma reação emocional, ocasionando uma inquietação, percebida através de manifestações de ordem fisiológica e cognitiva (BATISTA; OLIVEIRA, 2005).

O problema ocorre quando há uma variação de intensidade da ansiedade (BATISTA; OLIVEIRA, 2005). Altos níveis de ansiedade faz com que as pessoas se sintam mal, podendo provocar alterações físicas como taquicardia, cefaleia, dor, dormência, formigamento, fadiga, hipertensão, insegurança, estresse e insônia, bem como ocasionar transtornos excessivos, como mutismo seletivo, fobia específica, transtorno de ansiedade social (fobia social), transtorno de pânico, agora fobia, transtorno de ansiedade generalizada e transtorno de ansiedade não especificado (AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION, 2014).

A ansiedade pode ser caracterizada por dois momentos: ansiedade-estado e ansiedade-traço. A primeira ocorre na existência de um momento ou situação específica; enquanto a ansiedade-traço está associada às características individuais do indivíduo, ou seja, à personalidade de cada um (FERREIRA et al., 2009).

Lenhardtk e Calveti (2017) salientam que a ansiedade é uma reação considerada normal, mas quando agravada, pode prejudicar a vida pessoal e profissional das pessoas que sofrem com esse transtorno.

Tendo em vista que a ansiedade de traço se comporta como um estado nervoso que pode se manifestar em alguma situação percebida como ameaçadora e com um elevado nível de ansiedade, o presente trabalho irá avaliar a ansiedade-traço e sua relação com o desempenho acadêmico e profissional da Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA), Campus Dom Pedrito. A ideia é verificar se de fato, este estado emocional quando intenso, provoca queda de rendimento, tanto acadêmico como profissional. Assim sendo, este artigo se propõe a responder a seguinte indagação: a ansiedade prejudica o rendimento profissional de docentes e técnicos e ainda, o rendimento acadêmico de alunos da UNIPAMPA de Dom Pedrito?

A resposta para esta indagação irá contribuir para a produção do conhecimento científico sobre ansiedade no ambiente universitário, visto a presença e a intensidade dos sinais de ansiedade podem trazer consequências prejudiciais para as condições de vida e de saúde de todos os envolvidos. O diferencial neste trabalho é o fato dele contar com uma abordagem perceptiva por meio de dados primários e uma abordagem técnica, por meio de dados secundários, já que, o desempenho dos alunos foi constatado pelo acesso às suas notas.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

O referencial teórico do presente artigo será subdividido em duas seções: ansiedade, desempenho acadêmico e desempenho profissional. Estes assuntos remetem aos objetivos de pesquisa a serem explorados.

2.1 ANSIEDADE

A ansiedade é uma característica hereditária comum e importante para a sobrevivência e adaptação dos seres humanos. Ela deixa de ser comum quando evolui para um transtorno mental e causa sofrimentos psicológicos (LENHARDTK; CALVETTI, 2017). Freud (1925) evidencia que ela surgiu através de uma reação frente a um estado de perigo e que se reproduz

toda vez que ocorre um estado desse tipo. Ela é caracterizada como uma reação do perigo e como algo que sente. A ansiedade pode ser considerada como uma inquietação que pode ser percebida através de manifestações de ordem fisiológica e cognitiva. Esta inquietação pode apresentar uma duração curta, estável ou permanente, podendo variar o nível de sua intensidade (BATISTA; OLIVEIRA, 2005).

Freud (1925) ainda destaca que a ansiedade apresenta duas maneiras distintas, a primeira manifesta-se de uma forma inadequada frente à uma situação de perigo, já a segunda surge com propósito de dar um sinal, impedindo que algo coisa aconteça. Biaggio, Natalício e Spielberger (1997), esclarecem que a ansiedade-estado é caracterizada por um estado emocional e transitório, manifestado por sentimentos de tensão e apreensão que são percebidos de maneira consciente. Já a ansiedade-traço, é considerada como uma disposição pessoal e estável do indivíduo de reagir em situações percebidas como ameaçadoras. Biaggio, Natalício e Spielberger (1997) complementa a crença de Freud (1925), considerando que a ansiedade pode ser compreendida por duas modalidades diferentes: ansiedade-estado e ansiedade-traço.

Biaggio, Natalício e Spielberger (1997), esclarecem que a ansiedade-estado é caracterizada por um estado emocional e transitório, manifestado por sentimentos de tensão e apreensão que são percebidos de maneira consciente. Já a ansiedade-traço, é considerada como uma disposição pessoal e estável do indivíduo de reagir em situações percebidas como ameaçadoras.

Ferreira et al. (2009) também destacam estas duas facetas da ansiedade, para eles, a ansiedade como estado, está relacionada com um momento ou situação específica, enquanto a ansiedade de traço está associada as características individuais do indivíduo, ou seja, à personalidade de cada um.

O Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-V) enfatiza dois pontos importantes correlacionados à ansiedade. O primeiro deles salienta que a maioria dos transtornos de ansiedade são desenvolvidos durante a infância e que se não tratados de maneira adequada, podem perseverar. O segundo destaca que grande parte dos transtornos ocorre em mulheres (AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION, 2014).

Lenhardtk e Calvetti (2017) presumem que a ansiedade está tomando uma proporção cada vez maior, devido às mudanças que vem acontecendo constantemente no mundo e as influências atuais que estão relacionadas diretamente a vida pessoal dos indivíduos. Corroborando com isto, Ferreira Jr. et al. (2018) destacam que a ansiedade pode ser provocada por uma grande exigência que a sociedade moderna impõe. As obrigações impostas no mercado de trabalho, nos estudos e até mesmo em questões pessoais, podem ser um agravante para desencadear a ansiedade.

Guimarães et. al. (2015) destacam a importância das pessoas procurarem ajuda psicológica adequada, pois somente desta forma poderá ser feito um diagnóstico específico para cada caso e conseqüentemente, o tratamento poderá ser realizado de forma eficaz. Assim, impossibilitando que os transtornos de ansiedade se proliferem e prejudiquem a vida do indivíduo.

2.2 DESEMPENHO ACADÊMICO E PROFISSIONAL

O desempenho dos alunos faz parte da sua trajetória estudantil. Este modelo de avaliação também ocorre nas instituições de ensino superior. A avaliação da grande parte das instituições de ensino, mesmo que seja uma tarefa complexa, se dá através de três indicadores: infraestrutura, corpo docente e corpo discente. Corbucci (2007) ressalta a importância do corpo discente como instrumento de avaliação, mesmo que a aplicação necessite de mais eficiência e não seja apenas por meio de testes padronizados, aplicados no final do curso.

Com relação à infraestrutura e o corpo docente, por mais que sejam considerados requisitos, não são suficientes para atestar essa verificação, visto que é necessário analisar o desempenho dos acadêmicos por oferecer uma aproximação mais precisa do que seria um ensino de qualidade. Em tese, somente unindo os três indicadores citados acima é que se pode verificar de uma forma mais precisa a comparação de desempenho entre instituições.

O desempenho acadêmico e o mercado de trabalho estão entre os vários aspectos que existem poucos estudos mais aprofundados durante a graduação, justamente por serem estudos de difícil avaliação nas instituições. Pode-se dizer que estes indicadores são de extrema importância para a formação do senso de competência dos estudantes, o que reflete o seu desempenho acadêmico, para a construção de seus projetos profissionais e para atingir os objetivos na transferência da universidade para o mercado de trabalho. Em relação ao desempenho acadêmico, a maneira como ele é avaliado depende de cada instituição, disciplina ou curso e vale ressaltar que não necessariamente remete-se somente às notas ou percentuais das avaliações dos alunos (BARDAGI; HUTZ, 2012), embora esta seja a avaliação mais utilizada.

Em um estudo realizado por Garbanzo (2014), verificou-se que o desempenho acadêmico dos alunos está entre uma das ferramentas mais eficazes para avaliação das instituições de educação. Nas avaliações de desempenho acadêmico, muitas vezes se constata que questões econômicas exercem influência, mas também, em maior grau, se verificam variáveis como as questões sociais, econômicas, pessoais e institucionais. Notando-se então, que o desempenho acadêmico tem um forte impacto nos projetos de cada um, além de refletir no campo institucional e na própria projeção pessoal (GARBANZO, 2014).

Conforme até aqui percebido, verificou-se a importância do desempenho acadêmico nas instituições de ensino, uma vez que o desempenho conta como uma das mais eficientes ferramentas de avaliação. Porém, não pode ser considerado o único método avaliativo (CORBUCCI, 2007; BARDAGI; HUTZ, 2012). Gomes e Benevides (2013), Barahona (2014) e Meens (2018), ressaltam a existência de outros fatores que devem ser observados, visto que influencia no desempenho acadêmico. Barahona (2014) e Garbanzo (2014) vão mais além, destacando que o desempenho acadêmico dos estudantes é considerado multifatorial por envolver múltiplas causas.

Para Gomes e Benevides (2013), tanto as habilidades sociais como as expectativas acadêmicas, são condições que influenciam no desempenho acadêmico dos alunos. Segundo Barahona (2014), existem duas áreas que podem ter dado origem aos fatores associados ao desempenho acadêmico dos estudantes do ensino superior. A primeira são os determinantes pessoais que compreendem as aptidões e intelectualidade do aluno, as frequências em aula, sexo e o grau de acessibilidade à universidade. A segunda diz respeito aos determinantes sociais que incluem o ambiente familiar, as condições demográficas, escolaridade dos pais e o contexto socioeconômico. Já para Meens (2018), um fator que está relacionado expressivamente com o desempenho acadêmico dos alunos no seu primeiro ano do ensino superior, é a motivação.

A ansiedade é uma característica também presente na vida de universitários. Medeiros e Bittencourt (2017) constataram que o estresse sofrido na graduação é um dos determinantes para o surgimento da ansiedade em estudantes universitários. Grande parte dos universitários apresentam sintomas psicológicos, em parte, decorrentes das dificuldades de adaptação e predominantemente, as mulheres são quem apresentam o maior nível de aspectos de ansiedade em todos os graus. Dando ênfase à teoria do DSM-V, que identifica também esse alto nível apresentado no sexo feminino.

Estudantes com alto índice de ansiedade são os que obtêm notas mais baixas, apresentando mau desempenho em exames e atividades, falta de interesse (VITASARI et al.,

2010), além de apresentarem situações de estresse manifestadas quando estão ansiosos e que acabam refletindo no desempenho acadêmico (VIEIRA; PINTO, 2017).

Se houver um bom entendimento dessas causas associadas ao desempenho acadêmico, as universidades poderiam criar políticas que poderiam fornecer uma melhor qualidade aos estudantes de graduação (BARAHONA, 2014; GARBANZO, 2014).

Com base nas afirmações de Vitasari et. al. (2010), Lenhardt e Calveti (2017) e Vieira e Pinto (2017), elaborou-se a primeira hipótese investigativa desse trabalho:

H1: Quanto maior o nível de ansiedade, menor é o rendimento acadêmico.

Há uma tendência das pessoas após estudarem irem para o mercado de trabalho. Portanto, conhecer o efeito da ansiedade no rendimento profissional também se torna relevante. Inicialmente é importante destacar que em relação do desempenho profissional nas organizações, Carlomagno et al. (2014) o relacionam com a conduta que os funcionários expressam no ambiente de trabalho, com propósito de atender às expectativas das atividades realizadas pelos mesmos. Os autores ainda evidenciam que apesar das definições que existem sobre o desempenho, deve-se levar em conta que o objetivo das organizações, é atrair e segurar os profissionais que possuem um maior índice de desempenho.

Para Brandão et al. (2011), o modo mais eficaz para verificar a competência do ser humano é o seu desempenho apresentado. Assim sendo, os instrumentos de gestão e os mecanismos utilizados para verificarem o desempenho profissional, auxiliam também no reconhecimento das capacidades e aptidões expostas pelos funcionários no trabalho.

Apesar do processo de avaliação ser extremamente importante, ele ocasiona ônus no próprio ambiente de trabalho, pois é muito comum gerar conflito e constrangimentos. Entretanto, a avaliação é fundamental para a melhoria dos desempenhos profissionais tanto por parte de quem avalia como também dos avaliados. Esse processo avaliativo também é importante ferramenta para melhoria da qualidade da própria instituição, proporcionando assim uma gestão de mais qualidade (MARTINS et al. 2010).

Para que haja qualidade organizacional, é preciso avaliar o estado de saúde das pessoas. Sobre este aspecto, verifica-se que este estado de saúde pode ser influenciado pela ansiedade. Lenhardt e Calveti (2017) salientam que a ansiedade quando agravada, pode prejudicar a vida profissional das pessoas que sofrem com esse transtorno. Portanto, chega-se a segunda hipótese deste estudo, com base nas afirmações de Lenhardt e Calveti (2017):

H2: Quanto maior o nível de ansiedade, menor é o rendimento profissional.

Após apreciação do referencial e a elaboração de duas hipóteses investigativas, será demonstrado na sequência o modo como foi conduzido o estudo empírico.

3. MÉTODO

Este artigo teve como base a avaliação de dois construtos: ansiedade e desempenho profissional. Para avaliar a ansiedade, o instrumento utilizado foi o Inventário de Ansiedade Traço-Estado (IDATE). Este instrumento foi elaborado por Spielberger, Gorus e Lushene, no ano de 1970, sendo posteriormente traduzido e adaptado no Brasil por Biaggio e Natalício em 1977. O IDATE apresenta duas escalas que se diferem entre si, a ansiedade estado (IDATE-E) e a ansiedade traço (IDATE-T) (FIORAVANTI et al., 2006). Cada uma dessas duas escalas possuem 20 afirmações, no qual o respondente tem que marcar uma das alternativas apresentadas, com pontuação de 1 a 4.

Nesse estudo, utilizou-se a escala de ansiedade traço (IDATE-T), por ser mais apropriada nessa pesquisa. Já que na escala de traço de ansiedade, o indivíduo descreve como se sente, enquanto que na escala de estado de ansiedade, é necessário que o indivíduo indique como se sente em uma determinada situação. A seguir, será demonstrada a escala de ansiedade-traço.

Tabela 1: Escala para mensurar a ansiedade de traço (IDATE-T)

1	Sinto-me bem	1	2	3	4
2	Canso-me facilmente	1	2	3	4
3	Tenho vontade de chorar	1	2	3	4
4	Gostaria de poder ser tão feliz quanto os outros parecem ser	1	2	3	4
5	Perco oportunidades porque não consigo tomar decisões rapidamente	1	2	3	4
6	Sinto-me descansado	1	2	3	4
7	Sou calmo, ponderado e senhor de mim mesmo	1	2	3	4
8	Sinto que as dificuldades estão se acumulando de tal forma que não consigo resolver	1	2	3	4
9	Preocupo-me demais com as coisas sem importância	1	2	3	4
10	Sou feliz	1	2	3	4
11	Deixo-me afetar muito pelas coisas	1	2	3	4
12	Não tenho muita confiança em mim mesmo	1	2	3	4
13	Sinto-me seguro	1	2	3	4
14	Evito ter que enfrentar crises ou problemas	1	2	3	4
15	Sinto-me deprimido	1	2	3	4
16	Estou satisfeito	1	2	3	4
17	Ideias sem importância me entram na cabeça e ficam-me preocupando	1	2	3	4
18	Levo os desapontamentos tão a sério que não consigo tirá-los da cabeça	1	2	3	4
19	Sou uma pessoa estável	1	2	3	4
20	Fico tenso e perturbado quando penso em meus problemas do momento	1	2	3	4

Fonte: Kaipper (2008)

A Tabela 1 apresenta a escala que mensura a ansiedade-traço, criada por Spielberger, Gorusch e Lushene em 1970 e utilizada por Kaipper (2008). Os 20 itens foram avaliados pela seguinte escala: 1) Quase nunca, 2) Às vezes, 3) Frequentemente e 4) Quase sempre.

É importante destacar que os itens 1, 6, 7, 10, 13, 14, 16 e 19 são perguntas de caráter positivo, enquanto as demais são de caráter negativo. Sendo assim, as questões que são positivas foram adaptadas de forma negativa. Esta alteração é mais indicada já que um índice maior representará uma ansiedade mais intensa.

Além da ansiedade, buscou-se avaliar o desempenho acadêmico e profissional. O desempenho acadêmico foi avaliado junto aos alunos da Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA) e o desempenho acadêmico foi avaliado junto aos docentes e técnicos da mesma instituição. Para avaliar o desempenho acadêmico, solicitou-se aos alunos o número da matrícula e uma autorização para acessar suas notas. Esta solicitação foi feita por escrito no momento em que preencheram o instrumento de coleta desta amostra junto aos mesmos, objetivando avaliar o nível de ansiedade e o perfil dos alunos, contendo questões relativas ao curso, semestre, gênero e idade. Após isto, esperou-se o término do semestre para solicitar junto a Coordenação Acadêmica acesso às notas dos alunos que autorizaram esta visualização. Dos 373 alunos que preencheram o instrumento de coleta, 269 autorizaram o acesso as notas, sendo esta a amostra de alunos. Utilizou-se a média geral do semestre para cada aluno.

Em relação ao desempenho profissional, este foi mensurado por meio de uma dimensão da escala utilizada por De Borges e Fialho (2001). Esta mesma escala tinha por objetivo avaliar o envolvimento dos indivíduos, ou seja, o quanto percebem o seu próprio desempenho no trabalho (DE BORGES; FIALHO, 2001). Utilizou-se o fator envolvimento, da dimensão Estrutura Fatorial da Instrumentalidade, pelo fato dela ser a mais indicada para a mensuração do desempenho profissional (Tabela 2).

Tabela 2: Avaliação do Desempenho Profissional

1	A minha produtividade no trabalho é satisfatória	1	2	3	4
2	Possuo responsabilidade no meu trabalho	1	2	3	4
3	Sou digno de reconhecimento no meu trabalho	1	2	3	4
4	Possuo relações de confiança em meu ambiente de trabalho	1	2	3	4
5	Sou bem aceito pelos meus colegas de trabalho	1	2	3	4

6	Sempre cumpro as normas que a mim são impostas no trabalho	1	2	3	4
7	O desempenho que tenho no meu trabalho não afeta minha estabilidade	1	2	3	4
8	Executo todas as tarefas que tenho no trabalho	1	2	3	4
9	Cumpro meu dever de obediência em relação às ordens dos superiores	1	2	3	4
10	Aceito todos os desafios que fazem parte do meu trabalho	1	2	3	4
11	Assumo as consequências das minhas decisões relativas ao meu trabalho	1	2	3	4
12	Executo meu trabalho com autoridade quando necessário	1	2	3	4
13	Construo relações de amizade no meu ambiente de trabalho	1	2	3	4
14	No meu trabalho existem influências positivas que impulsionam as decisões tomadas	1	2	3	4
15	Considero sempre opiniões de outras pessoas no meu ambiente de trabalho	1	2	3	4
16	Sinto satisfação e prazer nos resultados finais das minhas atividades profissionais	1	2	3	4
17	Tenho facilidade em me relacionar positivamente com outras pessoas	1	2	3	4
18	Sinto-me realizado pessoalmente quando desempenho minhas tarefas profissionais	1	2	3	4
19	O ambiente que possuo no meu trabalho contribui para que eu tenha um maior envolvimento com outras pessoas	1	2	3	4
20	Sou tratado e trato a todos com respeito	1	2	3	4
21	O tempo destinado às minhas tarefas no ambiente de trabalho é adequado	1	2	3	4

Fonte: Adaptado de De Borges; Fialho (2001)

Como percebido na Tabela 2, o desempenho profissional foi mensurado por 21 itens, avaliados por uma escala de 1 à 4, mesma régua adotada na escala de ansiedade.

Por fim, o desempenho acadêmico foi medido pela média das notas dos alunos no semestre. Para isto, no questionário incluiu-se uma opção: “permito o acesso às minhas notas neste semestre para esta pesquisa”. Os alunos que demarcaram esta opção informaram o número de matrícula. A seguir, inseriu-se esta média nas respostas de cada aluno. A identidade do aluno foi preservada, visualizando-se apenas, média do semestre, utilizada como desempenho acadêmico. Optou-se pela média das disciplinas que o aluno estava realizando no semestre pelo fato de analisar aquele período, já que, a ansiedade sendo temporal, não havia sentido confrontar períodos anteriores, já que, o aluno de repente, teria outro nível de ansiedade.

Após, elaborou-se o instrumento de coleta dos dados, contendo os dois construtos demonstrados e as seguintes questões aos alunos: curso e semestre que realiza, sexo e idade. Para docentes e técnicos, foi questionado também, além do sexo e da idade, o tempo de atuação.

Na sequência, realizou-se uma validação do instrumento de coleta com três profissionais com experiência acadêmica, o diretor acadêmico e mais dois professores da instituição: um há mais tempo na universidade e outro há menos tempo. A seguir, realizaram-se dois pré-testes, um com alunos, em uma turma de 22 acadêmicos do curso de Educação do Campo, e outro com docentes e técnicos da universidade em estudo, contando com a participação de 4 docentes e 8 técnicos. Esta etapa ocorreu em dois momentos, o pré-teste no dia 15 de fevereiro com alunos da Educação do Campo. O pré-teste com docentes e técnicos entre os dias 11 e 20 de março de 2019. Não houve dúvidas e sugestões em relação ao instrumento de coleta.

Posteriormente, o instrumento de coleta foi impresso na versão final, e distribuído na Unipampa (Campus Dom Pedrito) na seguinte maneira: os alunos preencheram os questionários em sala de aula, todas as aulas foram visitadas. Os docentes e técnicos foram convidados a preencher o questionário em suas salas de trabalho. Esta etapa ocorreu em dois momentos, entre os dias 18 e 22 de fevereiro com alunos da Educação do Campo, visto que este curso só oferece aulas presenciais em período de férias regulares, e entre os dias 01 e 26 de abril de 2019 para os demais alunos.

Assim sendo, esta pesquisa se caracteriza em ser descritiva e quantitativa, por meio de dados primários e secundários. A amostra é do tipo por conveniência, visto que foi conveniente coletar os dados com os presentes na Universidade nos dias em que o

questionário foi disponibilizado. Tendo em vista que o objetivo deste trabalho é conhecer o desempenho acadêmico de alunos e optou-se por conhecer este indicador por meio de notas oficiais; dos 373 alunos, 269 concordaram em liberar suas notas para a pesquisa. A composição final da amostra será demonstrada na Tabela 3.

Tabela 3: Composição da Amostra

Classe	Total na IES	Tamanho da Amostra	Percentual em relação ao total da Classe na IES	Percentual em relação ao total da amostra
Alunos	737	269	56,0	84,86
Docentes	65	20	30,8	6,31
Técnicos	50	28	36,5	8,83
Total	852	317	-	100%

Fonte: PROGEPE (2018)

Conforme demonstrado na Tabela 3, houve nesta pesquisa uma participação de 56% dos alunos, 30,8% dos docentes e 36,7% dos técnicos do total de membros da IES. A amostra final foi de 317 participantes, sendo 269 alunos e 48 docentes e técnicos. Os dados foram tabulados e analisados no SPSS, versão 20. Utilizou-se estatística descritiva, testes de normalidade e regressão. Na sequência, serão apresentados os resultados da pesquisa.

4. RESULTADOS

Esta seção apresentará os resultados da pesquisa, na qual também haverá a discussão dos mesmos. Inicialmente, será demonstrado o perfil da amostra (Tabela 4).

Tabela 4: Perfil da Amostra (alunos)

Curso que realiza	Frequência	Percentual
Agronegócio	84	31,23
Ciências da Natureza	35	13,01
Educação no Campo	44	16,36
Enologia	44	16,36
Zootecnia	62	23,04
Semestre que está cursando	Frequência	Percentual
1	49	18,22
2	3	1,11
3	69	25,65
4	9	3,35
5	66	24,54
7	55	20,45
8	5	1,85
9	13	4,83
Sexo	Frequência	Percentual
Feminino	179	66,54
Masculino	90	33,46
Média de idade:	26 anos	

Fonte: dados da pesquisa (2019)

A Tabela 4 demonstra uma participação maior de alunos do agronegócio. Isto é considerado normal pelo fato de este ser um dos cursos com o maior número de alunos na universidade. Também é considerado normal um maior número de mulheres e a média de idade ser de 26 anos, já que é comum existir na atualidade, um número expressivo de mulheres em faculdades e a maioria dos universitários serem jovens. Em relação aos semestres, houve uma predominância de alunos em semestres ímpares pelo fato do ingresso

aos cursos ser no início do ano, e também pelo fato de a pesquisa ser realizada no primeiro semestre de 2019. A seguir será demonstrado o perfil dos docentes e técnicos.

Tabela 5: Perfil da Amostra (Docentes e Técnicos)

Categoria	Frequência	Percentual
Docente	20	41,67
Técnico	28	58,33
Tempo de atuação	Frequência	Percentual
Menos de 2 anos	2	4,17
De 2 à 4 anos	8	16,67
De 4 à 6 anos	12	25
Acima de 6 anos	26	54,16
Sexo	Frequência	Percentual
Feminino	24	50
Masculino	24	50
Média de idade:	35 anos	

Fonte: dados da pesquisa (2019)

A Tabela 5 ilustra haver uma participação maior de respondentes na categoria de técnicos (58,33%) com tempo de atuação acima de 6 anos (54,16%) e idade de 35 anos. Constatou-se um equilíbrio de sexo, sendo metade mulheres metade homens. Na sequência, será observada a estatística descritiva dos itens que representam a ansiedade (Tabela 6).

Tabela 6: Estatística Descritiva da Ansiedade em Acadêmicos

Itens	N	Média	Erro Desvio	Assimetria		Curtose	
	Estatística	Estatística	Estatística	Estatística	Erro Erro	Estatística	Erro Erro
A1	269	1,74	,711	,416	,149	-,951	,296
A2	269	2,29	,849	,523	,149	-,229	,296
A3	269	1,80	,899	1,082	,149	,501	,296
A4	269	1,75	,911	1,141	,149	,491	,296
A5	269	1,86	,966	,930	,149	-,133	,296
A6	269	2,77	,953	-,341	,149	-,799	,296
A7	269	2,29	1,025	,170	,149	-1,138	,296
A8	269	2,02	,897	,767	,149	-,010	,296
A9	269	2,30	1,081	,245	,149	-1,218	,296
A10	269	1,64	,742	,794	,149	-,371	,296
A11	269	2,39	1,011	,345	,149	-,973	,296
A12	269	2,11	1,038	,562	,149	-,850	,296
A13	269	2,26	,988	,159	,149	-1,075	,296
A14	269	2,52	1,046	,064	,149	-1,187	,296
A15	269	1,70	,813	1,075	,149	,641	,296
A16	269	2,09	,934	,402	,149	-,800	,296
A17	269	2,11	1,052	,608	,149	-,823	,296
A18	268	2,13	1,059	,512	,149	-,968	,297
A19	269	2,20	,984	,360	,149	-,895	,296
A20	269	2,45	1,020	,243	,149	-1,069	,296
Média Geral	-	2,12	-	-	-	-	-

Fonte: dados da pesquisa (2019)

A Tabela 6 demonstra a média dos itens relativos à ansiedade em acadêmicos. Inicialmente percebe-se que nenhum dos itens apresentou assimetria e curtose apresentou assimetria acima de 3 e curtose acima de 10, conforme recomendação de Kline (2011), indicando a normalidade dos dados. A média geral de ansiedade dos alunos foi de 2,12,

considerada mediana. Na sequência observaram-se os itens relativos à ansiedade em docentes e técnicos.

Tabela 7: Estatística Descritiva da Ansiedade de Docentes e Técnicos

Itens	N	Média	Erro Desvio	Assimetria		Curtose	
	Estatística	Estatística	Estatística	Estatística	Erro Erro	Estatística	Erro Erro
A1	48	1,60	,676	,682	,343	-,580	,674
A2	48	2,00	,772	,579	,343	,341	,674
A3	48	1,44	,649	1,215	,343	,374	,674
A4	48	1,25	,526	2,060	,343	3,573	,674
A5	48	1,58	,739	,856	,343	-,628	,674
A6	48	2,71	,967	-,255	,343	-,844	,674
A7	48	2,08	,919	,173	,343	-1,154	,674
A8	48	1,77	,722	,733	,343	,589	,674
A9	48	1,98	,934	,370	,343	-1,102	,674
A10	48	1,56	,741	1,249	,343	1,260	,674
A11	48	2,13	,890	,124	,343	-1,026	,674
A12	48	1,83	,883	,727	,343	-,386	,674
A13	48	2,10	,905	,327	,343	-,751	,674
A14	48	3,04	,824	-,793	,343	,521	,674
A15	48	1,56	,796	1,501	,343	2,012	,674
A16	48	1,90	,778	,469	,343	-,351	,674
A17	48	1,87	,761	,519	,343	-,139	,674
A18	48	1,88	,841	,469	,343	-,827	,674
A19	48	1,81	,673	,240	,343	-,741	,674
A20	48	2,06	,861	,504	,343	-,268	,674
Média Geral	-	1,91	-	-	-	-	-

Fonte: dados da pesquisa (2019)

A Tabela 7 demonstra a média dos itens relativos à ansiedade em docentes e técnicos. Novamente nenhum dos itens apresentou assimetria e curtose apresentou assimetria acima de 3 e curtose acima de 10, conforme recomendação de Kline (2011), indicando a normalidade dos dados. A média geral de ansiedade dos alunos foi de 1,91, inferior a dos alunos. Isto indica que alunos possuem um nível pouco maior de ansiedade que docentes e técnicos. Na sequência observaram-se os itens relativos ao construto desempenho profissional.

Tabela 8: Estatística Descritiva Desempenho Profissional

Itens	N	Média	Erro Desvio	Assimetria		Curtose	
	Estatística	Estatística	Estatística	Estatística	Erro Erro	Estatística	Erro Erro
D1	48	3,08	,821	-,158	,343	-1,498	,674
D2	48	3,58	,679	-1,379	,343	,618	,674
D3	48	3,33	,808	-1,198	,343	1,165	,674
D4	48	3,15	,899	-,665	,343	-,579	,674
D5	48	3,04	,849	-,299	,343	-1,019	,674
D6	48	3,42	,679	-,749	,343	-,519	,674
D7	48	2,63	1,044	-,113	,343	-1,146	,674
D8	48	3,44	,649	-,732	,343	-,443	,674
D9	48	3,35	,863	-1,186	,343	,574	,674
D10	48	3,42	,613	-,535	,343	-,565	,674
D11	48	3,58	,739	-1,785	,343	2,614	,674
D12	48	3,25	,758	-,459	,343	-1,100	,674
D13	48	3,00	,923	-,679	,343	-,264	,674

D14	48	2,52	,899	,027	,343	-,690	,674
D15	48	3,13	,890	-,820	,343	,013	,674
D16	48	3,08	,919	-,686	,343	-,407	,674
D17	48	3,00	,875	-,397	,343	-,729	,674
D18	48	3,29	,849	-,828	,343	-,462	,674
D19	48	2,58	,871	-,065	,343	-,592	,674
D20	48	3,46	,771	-1,310	,343	1,061	,674
D21	48	3,06	,932	-,622	,343	-,582	,674
Média Geral	-	3,16	-	-	-	-	-

Fonte: dados da pesquisa (2019)

A Tabela 8 demonstra a média dos itens relativos ao desempenho profissional de docentes e técnicos. Nenhum dos itens apresentou assimetria e curtose apresentou assimetria acima de 3 e curtose acima de 10, conforme recomendação de Kline (2011), indicando a normalidade dos dados. A média geral de ansiedade dos alunos foi de 3,16, demonstrando um resultado de moderado para alto, no que se refere ao correto desempenho profissional. Na sequência, realizaram-se os testes de hipóteses por meio de regressão.

Tabela 9: Comparação entre Ansiedade e Desempenho Acadêmico

Modelo	Coeficientes não padronizados		Coeficientes padronizados	T	Sig.	VIF	R
	B	Erro Erro	Beta				
1 (Constante)	8,503	0,233	-	36,560	0,000	-	-
Ansiedade	-0,391	0,107	-0,218	-3,649	0,000	1,000	0,218 ^a

a. Variável Dependente: Desempenho Acadêmico

Fonte: dados da pesquisa (2019)

A Tabela 9 apresenta o resultado da Regressão, no qual se percebeu que a ansiedade tem influencia no desempenho acadêmico, visto que a significância é de 0,000. Pelo fato do Beta (B) ser negativo, verifica-se que quanto maior a ansiedade, menor o desempenho acadêmico. Desta maneira, os resultados podem suportar a hipótese 1, confirmando as evidências de Vitasari et. al. (2010), Lenhardt e Calvetti (2017), Vieira e Pinto (2017). Na sequência, observou-se a relação entre ansiedade e desempenho profissional.

Tabela 10: Comparação entre Ansiedade e Desempenho Profissional

Modelo	Coeficientes não padronizados		Coeficientes padronizados	t	Sig.	VIF	R
	B	Erro Erro	Beta				
1 (Constante)	4,166	0,307	-	13,553	0,000	-	-
Ansiedade	-0,462	0,163	-0,387	-2,844	0,007	1,000	0,387 ^a

a. Variável Dependente: Desempenho Profissional

Fonte: dados da pesquisa (2019)

A Tabela 10 apresenta o resultado da Regressão, no qual se verificou que a ansiedade tem influencia no desempenho profissional de docentes e técnicos, visto que a significância é de 0,007. Pelo fato do Beta (B) ser negativo, verifica-se que quanto maior a ansiedade, menor o desempenho profissional. Desta maneira, os resultados podem suportar a hipótese 2, corroborando com Lenhardt e Calvetti (2017). Assim sendo, observou-se que os docentes e técnicos que apresentaram um nível de ansiedade elevado, podem ter baixo desempenho profissional.

Sob uma comparação, verifica-se que o beta desta relação é mais intenso que o da Tabela 9, indicando que a ansiedade influencia mais no desempenho de docentes e técnicos que de alunos.

5. CONCLUSÃO

O presente artigo teve por objetivo verificar se a ansiedade prejudica o rendimento profissional de docentes e técnicos e ainda, o rendimento acadêmico de alunos da UNIPAMPA de Dom Pedrito. Em relação à influência da ansiedade sobre o rendimento acadêmico, constatou-se que a ansiedade influenciou no desempenho dos alunos, corroborando com os achados de Vitasari et al. (2010), Lenhardt e Calvetti (2017), Vieira e Pinto (2017).

Este resultado indica que universidades devem se preocupar com a ansiedade de alunos (MEDEIROS; BITTENCOURT, 2017) já que ela ocasiona malefícios e pode inclusive, prejudicar a saúde dos mesmos e contribuir para a evasão. Ainda sobre os alunos, embora os níveis de ansiedade não tenham sido altos, foram maiores que dos docentes e técnicos; mais uma vez, chamando a atenção da temática em relação aos alunos.

Em relação aos docentes e técnicos, de igual forma, a ansiedade influencia no desempenho profissional, confirmando o trabalho de Lenhardt e Calvetti (2017). Isto quer dizer que, além de alunos, universidades devem se preocupar com os níveis de ansiedade de docentes e técnicos. Embora a ansiedade de docentes e técnicos for menor, ela influencia mais no desempenho das atividades; demonstrando que a ansiedade pode muitas vezes, ser a causadora de ineficiência, retardamento da execução das operações ou até mesmo retrabalho.

Assim sendo, este trabalho reforça a ideia da preocupação com os níveis de ansiedade, visto que eles ocasionam prejuízos no desempenho de alunos, docentes e técnicos. Portanto, gestores universitários devem criar e intensificar programas que visem à saúde das pessoas que dependem da universidade, incluindo problemas mentais e emocionais, incluindo a ansiedade.

A principal limitação deste trabalho é o fato de ele ter ocorrido por meio de amostra por conveniência. Sugerem-se estudos futuros em outros locais para confirmar se de fato, a ansiedade tem provocado queda de rendimento acadêmico em alunos e queda de produtividade em docentes e técnicos.

REFERÊNCIAS

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais: DSM-V**. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.

BARAHONA, P. Factores determinantes del rendimiento académico de los estudiantes de la Universidad de Atacama. **Estudios Pedagógicos (Valdivia)**, v. 40, n. 1, p. 25-39, 2014.

BARDAGI, M. P; HUTZ, C. S. Mercado de trabalho, desempenho acadêmico e o impacto sobre a satisfação universitária. **Revista de Ciências Humanas**, v. 46, n. 1, p. 183-198, 2012.

BATISTA, M. A; OLIVEIRA, S. M. S. S. Sintomas de ansiedade mais comuns em adolescentes. **Revista da Vetor Editora**, v. 6, n. 2, p. 43-50, 2005.

BIAGGIO, A. M. B; NATALÍCIO, L; SPIELBERGER, C. D. Desenvolvimento da forma experimental em português do Inventário de Ansiedade Traço-Estado (IDATE) de Spielberger. **Arquivos Brasileiros de Psicologia Aplicada**, v. 29, n. 3, p. 31-44, 1977.

BRANDÃO, H. P. et al. Gestão por competências e gestão do conhecimento. **Editora FGV**, 2011.

CARLOMAGNO, L. L. L. et al. Relações entre criatividade, esperança, otimismo e desempenho profissional. **Temas em Psicologia**, v. 22, n. 2, p. 497-508, 2014.

CORBUCCI, P. R. Desafios da educação superior e desenvolvimento do Brasil. **Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea)**, p. 7-31, 2017.

DE BORGES, L. O; FILHO, A. A. A mensuração da motivação e do significado do trabalho. **Estudos de psicologia**, v. 6, n. 2, p. 177-194, 2001.

FERREIRA J. D. A.; DE SOUZA, R. M; BARROS, F. L. F. Aspectos psicobiológicos da ansiedade: noradrenalina e suas implicações na performance esportiva. **Cadernos UniFOA**, v. 6, n. 1, p. 75-82, 2018.

FIORAVANTI, A. C. M. et al. Avaliação da estrutura fatorial da escala de ansiedade-traço do IDATE. **Avaliação Psicológica**, v. 5, n. 2, p. 217-224, 2006.

FREUD, S. Inibições, Sintomas e Ansiedade. In: FREUD, S. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, v. 20, p. 81-167, 1996. (Originalmente publicado em 1926).

GARBANZO, G. M. V. Factores asociados al rendimiento académico tomando en cuenta el nivel socioeconómico: Estudio de regresión múltiple em estudiantes universitarios. **Revista Electrónica Educare**, v. 18, n. 1, p. 119-154, 2014.

GOMES, G; BENEVIDES, A. S. Inteligência, habilidades sociais e expectativas acadêmicas no desempenho de estudantes universitários. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 26, n. 4, p. 780-788, 2013.

GUIMARÃES, A. M. V. et al. Transtornos de ansiedade: um estudo de prevalência sobre as fobias específicas e a importância da ajuda psicológica. **Caderno de Graduação-Ciências Biológicas e da Saúde-UNIT-Alagoas**, v. 3, n. 1, p. 115-128, 2015.

KAIPPER, M. B. Avaliação do inventário de ansiedade traço-estado (IDATE) através da análise de Rasch. **Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Medicina na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)**, 2008.

KLINE, Rex B. **Principles and Practice of Structural Equation Modeling**. 3ª ed. New York: The Guilford Press, 2011.

LENHARDTK, G; CALVETTI, P. Ü. Quando a ansiedade vira doença? Como tratar transtornos ansiosos sob a perspectiva cognitivo comportamental. **Aletheia**, v. 50, n. 1 e 2, p. 111-122, 2017.

MARTINS, I; CANDEIAS, I; COSTA, N. Avaliação e regulação do desempenho profissional. **Aveiro: Universidade de Aveiro**, 2010.

MEDEIROS, P. P; BITTENCOURT, F. O. Fatores associados à Ansiedade em Estudantes de uma Faculdade Particular. **Id onLine Revista de Psicologia**, v. 10, n. 33, p. 42-55, 2017.

MEENS, E. et al. The association of identity and motivation with student's academic achievement in higher education. **Learning and Individual Differences**, v. 64, p. 54-70, 2018.

VIEIRA, F. E. A; PINTO, N. V. Relações entre ansiedade e aptidão física frente ao rendimento escolar. **Cippus**, v. 5, n. 1, p. 21-28, 2017.

VITASARI, P. et al. The relationship between study anxiety and academic performance among engineering students. **Procedia-Social and Behavioral Sciences**, v. 8, p. 490-497, 2010.